

A CLÍNICA DA SIGNIFICAÇÃO (o Seminário 5 de Jacques Lacan)

Primeira parte

O chiste e sua relação com as formações do inconsciente¹*



[Clique aqui para ampliar](#)

Referência

Vieira, M. A. O chiste e sua relação com as formações do inconsciente. In. O desejo e o diabo: As formações do inconsciente. 1ed Contra capa. Rio de Janeiro, 1999.

Resumo: “Em seu quinto ano de ensino aberto, ano fundamental em que se articulam inúmeras teses fortes de seu pensamento, Lacan dá a seu seminário o título “As formações do inconsciente”. Este artigo visa introduzir a leitura do seminário a partir da discussão de alguns pontos que configuram seu horizonte e que esboçam algumas de suas portas de entrada...”.

Palavras-Chave: seminário 5, chiste, formações do inconsciente, Freud

Marcus André Vieira

Em seu quinto ano de ensino aberto, ano fundamental em que se articulam inúmeras teses fortes de seu pensamento, Lacan dá a seu seminário o título “As formações do inconsciente”. Este artigo visa introduzir a leitura do seminário a partir da discussão de alguns pontos que configuram seu horizonte e que esboçam algumas de suas portas de entrada.

Começemos pela expressão “formações do inconsciente”. Ela é cunhada por Lacan e não por Freud e interrogar as razões disto é em si bastante esclarecedor. Freud se serve com frequência do termo *Bildung*, habitualmente traduzido por formação. Não é raro que ele associe um outro substantivo a este, como é comum em alemão, forjando um composto onde o primeiro termo qualifica o segundo, como por exemplo em *Ersatzbildung*, formação de substituição (ou substitutiva).

Poderíamos imaginar então que a expressão “formação do inconsciente”, respondendo à mesma estrutura, fosse de uso corrente por Freud, mas tal não é o caso. Ao contrário do que se poderia pensar, a associação entre “formação” e “inconsciente” em uma expressão como *Unbewußtseinbildung* é extremamente rara em Freud. Nas poucas vezes em que associa “inconsciente” e “formação” no sentido acima, onde “inconsciente” é um epíteto de “formação”, Freud utiliza preferencialmente *Unbewußtsein Formation*.²

Cabe então a questão: já que esta não é uma expressão de Freud, o que autoriza Lacan a fazer de “formações do inconsciente” um sintagma freudiano? Fica claro que ao tomarmos

¹* Este texto reúne uma boa parte das idéias apresentadas e discutidas nos primeiros encontros de meu seminário na EBP-Rio em 1999. Agradeço aos participantes pelo seu papel fundamental tanto naquele quanto neste trabalho.

² Cf. por exemplo FREUD, S. *Inhibition, symptôme et angoisse*, (capítulo II, §1), Paris, PUF, 1993, p. 7.

“formações do inconsciente” como uma expressão legitimamente freudiana estamos admitimos que Lacan, extrai aí a razão de Freud mesmo sem se manter totalmente fiel à sua letra (o que, mais do que o hábito, explica provavelmente porque o uso deste sintagma seja tão imediatamente incorporado). Resta-nos tentar demonstrá-lo.

Vemos que é preciso retornar a estas questões no detalhe porque estamos tão habituados com a força da leitura de Lacan que perdemos algo de seu gesto iluminador. Ela abre trilhas decisivas em Freud mas nem sempre deixa claramente indicado o *tour de force* por ela empreendido para nos dar a razão do texto que deu origem a estas vias. Em outros termos, Lacan nos ajuda a ler Freud mas não necessariamente a ler Lacan, ou ainda, a ler a maneira como Lacan retoma Freud. Acredito que isto nos permitirá descortinar o ponto de entrada de Lacan na obra de Freud quanto a nosso ponto e, dessa forma, melhor circunscrever o que chamei de “razão de Freud”.

A explicação para a presença desta expressão em Lacan e sua ausência em Freud passa a meu ver pelo fato que Lacan dispõe de algumas ferramentas que permitem utilizar uma tal expressão sem medo. Vejamos.

O inconsciente endiabrado

Podemos supor inicialmente que este novo termo, *Formation*, apesar de ter um campo semântico bastante próximo ao de *Bildung* vem dar um lugar de exceção à associação entre “formação” e “inconsciente”. Podemos fazer a hipótese que este novo significante seja convocado para que, retirando-se esta expressão da série de expressões forjadas a partir de *Bildung* e evitando subordinar-se um termo a outro, mantenha-se a força tanto de “formação” quanto de “inconsciente” (corroborando esta idéia o fato que Freud mantém os dois termos independentes e não unidos em um substantivo composto). Isto distinguiria a associação entre “formação” e “inconsciente” das outras “formações” freudianas. Parece então que é explicitamente evitado por Freud o sentido de *Unbewußtseinbildung* como “formação inconsciente”. Finalmente, se lembramos que Freud com *Bildung* tanto remete a um processo, como em “formação de sintoma”, quanto a um produto, como em “formação de compromisso”, percebemos que Freud afasta tanto a leitura apressada que colocaria a ênfase em uma formação tida como inconsciente porque *se situa no inconsciente*, quanto a de um processo de formação inconsciente porque *se passa no inconsciente*.

É preciso que fique claro, entretanto, que a discussão sobre esta expressão nos serve apenas como chave de leitura. Não estamos descobrindo nenhum segredo que nos daria a verdade oculta de Freud. Estamos escolhendo, com Lacan, um caminho de leitura que contorna possíveis ambigüidades do texto freudiano. Neste, Freud fala, em sentido contrário à nossa hipótese, até mesmo de uma formação do chiste “no” inconsciente (*Bildung im Unbewußtsein*).³ Apesar disto, a expressão cunhada por Lacan se sustenta a partir do que estabelece claramente o texto de Freud. Basta conferir o capítulo seis de seu livro onde fica claro que estabelece-se uma estreita relação entre o chiste e o sonho.⁴ Isto explica porque admitimos a expressão “formações do inconsciente” sem pestanejar, o que só faz reforçar a idéia que ela aparece, uma vez revelada por Lacan, como algo que falta no texto de Freud, criando nele um furo que justifica nossa interrogação.

Lacan, com sua expressão, vai assim no sentido de Freud, afastando o inconsciente como adjetivo que introduziria a valorização de uma localização topográfica como se

³ FREUD, S. “O chiste e sua relação com o inconsciente”, *ESB vol. VIII*, Rio de Janeiro, Imago, 1977, p. 183 e seguintes; e *Studienausgabe IV (Psychologische Schriften)*, Frankfurt, S. Fischer-Verlag, 1970, p. 157.

⁴ FREUD, S. *ESB-VIII*, p. 183 e seguintes e *Studienausgabe-IV*, p. 148 e seguintes.

estivéssemos diante de algo situado em uma região inconsciente e que isto bastasse para classificar a formação em questão. Freud afasta a noção de que esta alguma coisa, que já existiria por si mesma, passaria a ser “do” inconsciente ao se esconder nas masmorras/porões da civilização. Se tal fosse o caso, se a cada formação o que a definisse fosse apenas seu lugar e não, digamos, sua especificidade formal, precisaríamos conhecer os sinais que acompanhariam esta formação e que indicariam sua origem, radicada nas profundezas pulsionais. Algo como o odor de enxofre que acompanha o diabo e que certifica, nas histórias do capeta, que sua aparição não é apenas uma brincadeira de mau gosto mas que alguma coisa infernal vai acontecer. Ora, neste caminho necessitaríamos de um saber extra-discursivo para distinguir o discurso comum do discurso inconsciente, pois nada na formação em si nos garante seu status inconsciente. Esta via conduz o analista a se interessar cada vez mais pelas manifestações tidas como pré-discursivas (afeto, signos corporais etc.) que acompanhariam o discurso imprimindo-lhe um selo de verdade, chegando a extremos onde a descoberta de Freud é completamente invertida. É o que indica Lacan da seguinte forma: “De fato, ao fugir do para-almém da razão desse discurso, ele é deslocado a um para-almém (...). Qualquer outra manifestação da presença do sujeito logo parece dever ser-lhe preferida: sua apresentação na chegada e seu andar, a afetação de suas maneiras e o cumprimento na hora da despedida (...). Um acesso emocional ou um borborigmo visceral são testemunhas buscadas da mobilização da resistência (...) e a parvoíce a que chega o fanatismo da vivência chega a descobrir na inter-subodoração o auge do requinte.”⁵

A estrutura

Há mais. A tradução de Lacan contém ainda uma segunda manobra, a pluralização, que dá à expressão o estatuto de categoria. Neste plano, podemos compreender a ausência da categoria “formações do inconsciente” de forma explícita em Freud pelas mesmas razões. Apesar de indicar a todo instante uma determinada relação entre as várias produções do inconsciente, Freud parece recusar-se a constituir uma categoria provavelmente porque, mesmo introduzindo ou reforçando o possessivo (como por exemplo com a expressão *Bildung des Unbewusstseins*), estaríamos dando margem a uma entificação, como se as coisas em questão existissem *per se* no inconsciente donde sua articulação, o que parece ir na contramão do que se destaca na experiência analítica.

Lacan, entretanto, não precisa evitar esta leitura pois seu trabalho é justamente o de instrumentar uma determinada relação entre as formações do inconsciente que evita este obstáculo. Esta relação é o que se depreende do célebre aforisma “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”. Com a noção de estrutura Lacan pode elaborar uma categoria fundada em uma determinada articulação de seus elementos, relativamente independente de suas essências. Uma categoria aqui não compreende uma mesma classe de objetos afins mas uma mesma operação, ou melhor, uma série de acontecimentos produzidos a partir das mesmas leis. Neste caso, como dirá Hjelmslev: “as relações definem a magnitude e não o inverso”.⁶ Isto indica claramente como inverte-se a relação entre as essências, agora relativas e não mais absolutas, e as determinações, agora fundamentais, a partir da noção de estrutura.

⁵ LACAN, J. *Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 1998, p. 339.

⁶ cf. HJELMSLEV, L. *Le Langage*, Paris, Gallimard, 1966, pp. 68 e 140, cf. também. MILLER, “Struc’dure”, *Pas-Tant*, n° 8-9, Toulouse, 1988.

Não poderei desenvolver aqui as conseqüências desta definição de estrutura, nem seus limites. Podemos entretanto concluir que Lacan, a partir de seu aforisma fundamental, pode reunir explicitamente estas formações diversas sob a rubrica “do inconsciente” por ter constituído um aparato conceitual capaz de inserir estas formações em uma estrutura. Isto nos desobriga de supô-las armazenadas no mesmo saco ou no mesmo porão assim como, mesmo insistindo com Freud no inconsciente artesão, que forja, esculpe as formações que terão sua marca, afasta o risco de entificação, da figura do artesão incansável e infernal dentro do homem.

O método freudiano

Não basta entretanto dizer que quanto a este ponto Freud não é tão freudiano porque não dispunha da noção de estrutura. Lacan demonstra também que esta noção está implícita em seu método. Isto já aparece quando Lacan repetidas vezes aproxima o trabalho de Freud do trabalho do lingüista. Trata-se aí de seu método para analisar as formações do inconsciente, que é mais evidente nos chistes. Aparentemente simples, ele contém uma verdadeira revolução epistemológica. Lacan o sintetiza da seguinte forma: “Posto que estamos investigando o que se passa no nível significante, para saber o que algo significa, não perguntemos o que isto significa.” Esta mesma posição metodológica será exposta adiante de maneira mais desenvolvida: “Apesar de supor que exista o inefável [a significação em si] nunca nos recusamos a apreender o que se demonstra como estrutura em uma fala, a pretexto de existir o inefável (...). Percebemos que é infinitamente mais fecundo apreender a fala como tal e procurar articular a ordem que ela instaura, desde que tenhamos referenciais seguros (...). Se partíssemos da idéia que a fala é essencialmente feita para representar o significado, ficaríamos imediatamente confusos, porque isto seria recair nas oposições precedentes, ou seja, que não conhecemos o significado”.⁷

Lacan sintetiza assim o que podemos observar desde as primeiras páginas do livro de Freud sobre o chiste. Freud aborda o *Witz* do ponto de vista formal, interessando-se pelo significante. Deste ponto de vista formal, lingüístico, Freud já demarca-se de suas referências. Com efeito, Freud começa seu livro discutindo com toda uma série de concepções que já tinham sido aventadas para explicar o chiste. Lacan retoma este ponto restringindo-se a um autor, Theodor Lipps, que incorrerá no mesmo erro dos demais. Apesar de ter o mérito de insistir no que o *Witz* tem de desconcerto e de esclarecimento, Lipps terminará supondo alguma entidade psicológica que se manifestaria no riso e que daria sua verdade. Bergson, também retomado por Lacan neste seminário, parece mais livre da obrigatoriedade da suposição de um porão da humanidade no homem. Ocorre entretanto que, de certa forma, Bergson incorre no mesmo erro ao opor uma força primária, da vida, graça e beleza, ao autômato social, vendo no riso a restauração da harmonia.⁸

Aos partidários do psicologismo Freud responde com a lingüística. Ele entretanto não se restringe, como o lingüista, a descrever a combinatória significante na origem do chiste. Freud, como os autores acima, também se interessa pela satisfação especial do chiste mas ele evita a circularidade denunciada por Lacan por preferir, em vez de considerar antes de qualquer coisa alguma força que se transmite e que extravasa, que se liberta da censura, buscando em uma espécie de significação primordial o segredo do *Witz*, delimitar a lógica própria da combinação literal em jogo. A partir daí ele abre-se a uma outra concepção deste real primordial, a uma maneira original de lidar com o real, sem constituí-lo como um reino fora da linguagem e oposto a ela. A formação “no” inconsciente pode ser entendida agora não como aí

⁷ LACAN J, *O seminário livro V - As formações do inconsciente*, Rio de Janeiro JZE, 1999, pp. 56 e 159.

⁸ Cf. quanto a este ponto LACAN J, *op. cit.* pp. 24 e seguintes, assim como pp. 114 e seguintes.

estocada e nem como uma produção deste homenzinho dentro do homem que é o inconsciente mas como uma produção discursiva em uma Outra cena.

A Outra cena

É preciso agora situar a expressão “Outra cena” neste novo universo que se abre. Uma vez que nos desvencilhamos do porão, que Lacan denomina por vezes de geometria do saco, precisamos nos desembaraçar do paralelismo essencialista inconsciente/consciência pois este nos remete novamente ao diabinho, não mais no porão, é verdade, mas ainda imanente sendo apenas deslocado para os bastidores. Neste sentido, Lacan vai indicar que a expressão de Fechner, ao ser retomada por Freud, não traz a idéia de um discurso inconsciente funcionando permanentemente em um outro lugar onde uma outra vontade impera e onde a verdade viceja, mas sim de uma lógica distinta operando nos ditos conscientes.⁹

Tomemos um exemplo de Freud para ilustrá-lo (praticamente qualquer um da psicopatologia da vida cotidiana nos serviria): “De noite, em uma reunião social, (...) [um] senhor conversava com (...) [uma] senhora sobre os amplos preparativos para a páscoa em Berlim. Ele perguntou: a senhora já viu a exposição na Wertheim? O lugar está completamente *decotado*.”¹⁰

Vemos que o lapso é uma encruzilhada onde se articulam duas cadeias de pensamento, o comentário inocente e a observação picante. Nenhuma das duas é mais verdadeira, no sentido em que uma seria mais primitiva que a outra. Podemos dizer que uma se articula explicitamente ao eu e a outra não. Não podemos, entretanto, dizer que existem dois eus sendo um mais verdadeiro que o outro, nem dizer que existe um eu e um sujeito do inconsciente. Existe um só eu que é habitado por duas cenas que seguem lógicas distintas, cada uma com um sujeito possível.

Ao dizer que no lapso o inconsciente se intrometeu no consciência Freud indica esta encruzilhada. A partir daí entendemos que a Outra cena, como a expressão diz, só tem sentido articulada com a cena. É somente na cena sobre a cena, como em Hamlet, que a verdade pode se situar pois é esta estrutura ambígua que remete à impossibilidade fundamental do significante de significar-se a si mesmo remetendo-nos, assim, à sua ancoragem no real. Uma “outra cena” precisa da cena para existir e só existe nesta relação. É justamente isto que faz com que, nas formações do inconsciente, o desejo, amarrado a alguns significantes, possa mudar de circuito. Estes formações significantes são formações do inconsciente por articularem novos sentidos que serão engendrados a partir da báscula promovida pelo encontro com uma certa face do real que estes significantes representam.

Podemos assim pensar em um discurso Outro sem necessariamente nos referirmos a um discurso eternamente produzido e estocado em um eu inconsciente, mas sim a um discurso possível na linguagem e atualizado pelo discurso consciente. O próprio da formação inconsciente reside assim em uma certa função de passagem de uma cena para outra. Esta Outra cena será então materializada. Ela poderá assim ser reconstruída no tratamento, com efeitos sobre o real do sintoma pois este será apreendido a partir de uma nova formação significante.

⁹ “A expressão *uma outra cena psíquica*, que Freud retirou de sua leitura aprofundada de Fechner, é sempre correlacionada por ele à estrita heterogeneidade das leis concernentes ao inconsciente com respeito a tudo o que pode estar relacionado ao domínio do pré-consciente, isto é ao domínio do compreensível, da significação”
LACAN J, *op. cit.* p. 112.

¹⁰ FREUD, S. “A psicopatologia da vida cotidiana”, *ESB vol. VI*, p. 96.

Vemos então que, parafraseando o Lacan da “Instância da letra”, o sujeito do inconsciente insiste mas não consiste na cadeia significante.¹¹ Nem a cadeia consciente nem a inconsciente são aptas a introduzir o sujeito do inconsciente se tomadas isoladamente. Somente a partir de seu enlaçamento, operação de amarração de duas cadeias (que no fundo são a mesma, a do eu a do Outro) que o grafo do desejo vem inscrever, temos a presentificação da dimensão do sujeito e de seu desejo.¹²

Por isto Lacan dirá que o desejo é articulado, uma vez que está ligado à presença do significante no homem e que se diz na língua do Outro. Isso não significa, entretanto, que ele seja articulável. Justamente por emergir da ligação dos significantes, ele nunca é plenamente articulável num caso particular apesar de se vincular aos ditos do Outro.¹³

Aqui reside o ponto de divergência entre o primeiro Wittgenstein com seu célebre “sobre o que não pode ser dito deve-se calar”¹⁴ e Freud. Vemos que, segundo Freud, isto que não pode ser dito não *pode* ser calado porque não pára de falar. Isso se articula em uma fala. *Ça parle*. O real está para-além da linguagem mas esta é, ao mesmo tempo, sua morada. Não temos o dizível e o indizível mas sim o dito e, nele, algo que insiste em se dizer e, nisto, fala sem parar, sem dizer-se inteiramente. Não há um dito e um além do dito mas um dito e um para-além de seu dizer.

O Witz

Após estas considerações e ainda nos mantendo em um plano introdutório ao trabalho do seminário, podemos tentar apreender agora, uma vez que já situamos as coordenadas onde se desenrola a investigação de Freud e de Lacan, o que está em questão no chiste. A primeira pergunta seria: porque o chiste e não o sonho? O sonho, via régia para o inconsciente, não seria uma excelente via régia para o inconsciente estruturado como uma linguagem? O chiste introduz aqui sua especificidade, indicada por Jacques-Alain Miller.¹⁵ Ele é preferido ao sonho porque não se trata somente de demonstrar a supremacia do significante mas de circunscrever como, a partir do significante, se faz o novo, o escândalo da significação anômala. Em outros termos, Lacan se interroga como, a partir do código, da cadeia significante dada para um sujeito, se faz a novidade, outro nome para o real.

A partir do *Witz* Lacan não só colocará as formações do inconsciente em série demonstrando seu submetimento às mesmas leis como indicará, como já abordamos lateralmente acima, sua articulação com o para-além da linguagem. Para isto ele vai cotejar inicialmente *Famillionário* com *Signorelli* observando que o esquecimento de nome não corresponde simplesmente a um buraco, uma lacuna, mas sim a uma produção ativa, já que outros nomes se apresentam no lugar do nome esquecido (*Botticelli*, *Boltraffio*). Ganha-se *Trafoi*, cidade da história do suicídio por impotência de um dos pacientes de Freud, mas perde-se *Signor* como substituto metafórico da morte. Para manter a equivalência é preciso demonstrar que algo se perde também no *Witz*. É o que indicará Lacan lembrando que em *famillionário*

¹¹ LACAN J, “A instância da letra...” *Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 1998, p. 514.

¹² Podemos propor, com Eidelstein, a inscrição do oito interior no grafo do desejo segundo a seguinte figura:

Esta operação demonstra como as duas cadeias do grafo são distintas a cada ponto de basta e o mesmo tempo provenientes, as duas, do Outro, estando conectadas pelo significante. Cf a esse respeito EIDELSTEIN, A. *El grafo del deseo*, Buenos Aires, Manantial, 1995, pp. 32 e seguintes.

¹³ LACAN J, *op. cit.* p. 341.

¹⁴ *Ce dont on ne peut parler, il faut le taire*, WITTGENSTEIN, L. *Tractatus logico-philosophicus*, Paris, Gallimard, 1961, p. 107.

¹⁵ MILLER, J.-A. *El seminario de lectura del libro V de Jacques Lacan*, Barcelona, ECFB, 1998, p. 9 (este texto está na origem de um bom número de idéias apresentadas aqui).

perde-se “família”, oculta pelo brilho do milionário. O tio milionário de Salomon Heine, que proibiu-o de casar com sua filha por razões familionárias, está ao mesmo tempo elidido e insistindo neste *Witz*. Como vemos, perde-se a idéia de família, assim como perde-se “terra” em “aterrorizado”, mas ganha-se uma criatura nova, um ser verbal que mantém o recalcado no horizonte.¹⁶

Nos dois casos, àquilo que escapa ao dizer responde um dito que tanto vela como desvela o impossível do dizer. No familionario, o milionário vem para primeiro plano enquanto que a família é velada-desvelada. No esquecimento de nome, os nomes substitutos têm em si pedaços do que não pode ser dito, ruínas metonímicas do objeto. Em ambos, o significante que encarna o objeto é velado e desvelado pelo recalque. A diferença é que no chiste constitui-se o que Lacan denominará uma elaboração escatológica, como é o caso do *Familionario*, enquanto que no esquecimento constituem-se nomes substitutos que guardam uma determinada relação formal metonímica com o *Signorelli* esquecido.

Vemos então que o chiste e o esquecimento de nome vêm então responder à esta impossibilidade de se dizer um certo significante que aparece como nome do objeto. A questão que se coloca é sobre qual a articulação entre o objeto e este significante recalcado. Que este significante venha no lugar do objeto seria já uma metáfora uma vez que há aí substituição? Sim, mas uma metáfora especial. É o que conduzirá Lacan, no prosseguimento do seminário, a isolar a metáfora paterna como esta metáfora que faz uma substituição muito especial, não de um significante por outro, mas de um nome a um batimento, pulsação, um aparece-desaparece da mãe, oscilação que introduz o desejo do Outro.

Trata-se então de dois caminhos onde o desejo do Outro é veiculado por um significante: o milionário da família realiza para Heine o mesmo que o julgamento final pintado por Signorelli para Freud, ou seja, o desejo do Outro no que ele têm de perigoso, impensável, mortífero, que se manifesta, aqui como proibição e ali como morte. Trata-se de operações em que, a partir de propriedades específicas do significante, articulam-se duas cadeias fazendo aparecer a dimensão do desejo em sua vinculação com o real do desejo do Outro.

O Nome-do-pai

Não poderemos examinar aqui a formalização da estrutura da linguagem (já bem conhecida em sua forma mais acabada, especialmente no que diz respeito à metáfora e à metonímia, tal como figura na “Instância da Letra...”) desenvolvida por Lacan neste seminário a partir do exame deste e de outros chistes selecionados. Resta, entretanto, indicar que torna-se necessário para Lacan destacar o que permite que o chiste não seja um neologismo, aquilo que permite também que os nomes substitutos não sejam puras ruínas e sim novas construções. A novidade do *Witz* não está fora do sentido pois é reconhecida e aceita no código, pelo riso neste caso. Em outros termos, é preciso agora compreender como é possível que as formações do inconsciente digam e não digam o objeto e para tanto é preciso saber o que, no Outro, define se uma palavra é uma palavra ou uma mera lalação. É preciso haver, em algum lugar da fala, alguma coisa que a fundamenta como fala, podendo então ser verdadeira ou não. É preciso que alguma lei indique o que faz e o que não faz sentido (esta alguma coisa não pode estar em algum porão pois senão voltaríamos ao ponto de partida).

¹⁶ Tive que alterar aqui o exemplo de Lacan, buscando o radical *terra* e não *terrore* em “aterrorizado” para manter a força da operação indicada por Lacan. Cf. quanto a este ponto LACAN J, *op. cit.* p. 35 (nota de tradução). Notemos, além disso, que este ser verbal criado pela metáfora do chiste tem uma essência própria descrita por Gide em seu *Prometé mal enchainé* no personagem de Zeus, o banqueiro miglionário. Cf. LACAN, J. *Op. cit.* p. 54 e seguintes.

A partir destas noções somos conduzidos a indagar o que faz com que o Outro, de mero depósito de significantes, torne-se um tesouro, uma cadeia ordenada. É isto que permite que o objeto seja ao mesmo tempo nomeado e elidido. É o que permite que algo de verdade seja possível, mesmo que não-toda. Enfim é o que garante a sustentação da realidade que assim como a verdade tem estrutura de ficção. Vemos que a suposição de um Outro inicial não ordenado, um enxame, que Lacan desenvolverá bem mais tarde aparece como momento prévio à possibilidade do *Witz*. Para que o *Witz* exista é preciso que o Outro seja um enxame, sem nenhuma ancoragem no real quanto à significação, mas é preciso também que o Outro, se dê como cadeia, permitindo que a criação seja reconhecida e incorporada no código. Isto que faz do Outro cadeia é o que faz do caos do universo um texto, permitindo a Galileu dizer que “a filosofia está escrita nesse imenso livro que continuamente se acha aberto diante dos nossos olhos, falo do universo.”¹⁷

Conhecemos a resposta de Lacan. É preciso uma metáfora fundamental que hierarquize o mundo e ela se dá a partir do Nome-do-pai. “Esse é um termo que subsiste no nível do significante, que, no Outro como sede da lei, representa o Outro. É o significante que dá esteio à lei, que promulga a lei. Esse é o Outro no Outro”.¹⁸ Deste modo somos introduzidos à segunda parte do seminário onde Lacan desenvolverá a metáfora paterna.

Paralelamente a este trabalho de desenvolvimento rigoroso da teoria da metáfora paterna e da forclusão do Nome-do-Pai, delinea-se a função do falo como imagem, em jogo na comédia, e do falo como significante, lugar-tenente da significação enquanto tal, solidário daquilo que no Outro marca um ponto de ancoragem dando lastro à significação, e que se apresenta como significante da possibilidade de significação da própria significação enquanto tal. Vemos desenhar-se assim uma teoria da significação, em que é preciso que se suponha tanto o Outro ordenado para que se possa falar/significar assim como é preciso que alguma coisa venha fundar, no Outro, o lugar da significação.

Compreendemos então porque a interrogação sobre isto que no Outro garante que haja significação, o Nome-do-pai, e suas conseqüências, constitua a segunda parte do livro. Compreendemos também porque a seqüência de seu percurso leva Lacan, na terceira parte, a interrogar, uma vez que o fundamento da significação já está situado, seu mecanismo em si. É neste mecanismo que o falo desempenha papel essencial como aquele significante que significa que há algo a significar.

A articulação entre metáfora paterna e significação fálica que supõe a articulação entre Nome-do pai e falo, assim como sua distinção, só se tornará explícita bem mais tarde, especialmente no Seminário XVII. Não poderemos retomá-la tal como aparece neste momento, mas me parece essencial indicá-la para que possamos acompanhar o trajeto deste seminário. Ela se apresenta de forma marcante na distinção que empreende Lacan aqui entre o Nome-do-pai como o significante indexador da significação (que diria algo como "pode-se significar") e do falo como significante índice da *signifiance*, valor de significação (cuja fórmula poderia ser "há algo a significar").¹⁹ Uma vez que a ordem do mundo está constituída, é preciso que algo indique que há um furo nesta ordem pois é em torno deste que o mundo poderá girar fazendo o

¹⁷ GALILEU, G. “Saggiatore, 6”, *Os pensadores*, São Paulo, Abril, 1978. Quanto ao Outro como enxame (*essaim*) cf. LACAN, J. *Le Séminaire Livre XX*, Paris, Seuil, 1975, pp. 251-252 e seguintes, assim como SOLER, C. “Los diagnósticos”, *Freudiana*, nº 16, Paidós, 1996, pp. 21-33.

¹⁸ LACAN, J. *Op. cit.* p. 152.

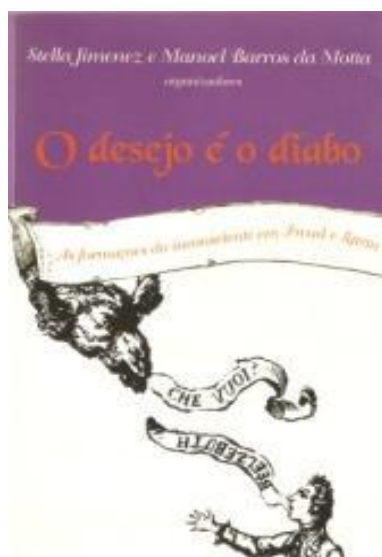
¹⁹ Quanto a este ponto cf. o capítulo IX deste seminário, assim como BROUSSE, M. H. “As interpretações lacanianas do Édipo freudiano”, *Arquivos da biblioteca nº 1*, Rio de Janeiro, EBP-RIO, 1998. Cf. também COELHO, T. “As estruturas freudianas da psicose e sua reinvenção laciana”, *Sobre a psicose*, Rio de Janeiro, Contra Capa, 1999.

mundo vivo, habitado pela metonímia da falta-a-ser. Esta é a função do falo, segredo que o psicótico desconhece. Não lhe faltam elementos para construir uma realidade consistente, ao contrário, ele a faz sólida demais e por isso mesmo incerta. Isto porque para mantê-la de pé é preciso um furo. Este furo, operado pelo significante fálico no caso do neurótico, confere perenidade à realidade justamente por dar-lhe seu movimento metonímico fundamental.

O portal e a chave

Para concluir, gostaria de indicar que somente após vislumbradas todas estas etapas a proposição lacaniana “o falo é um significante” pode desenvolver-se em toda sua força clínica. Trata-se de um *leitmotif* que atravessa todo o seminário e que desloca a ênfase da imagem ao significante. Para que esta proposição seja eficaz é preciso todo o percurso de Lacan, onde o falo tem um papel fundamental em sintonia com o Nome-do-Pai sem se confundir necessariamente com ele. A partir daí o seminário se abre para uma verdadeira demonstração clínica do que a reorganização que vimos acima pode acarretar no campo psicanalítico, até então dominado, na melhor das hipóteses, por uma análise das fantasias em sua vertente imaginária. A obsessão, a perversão, a histeria e a psicose serão revisitadas a partir desta verdadeira teoria clínica da significação. O Nome-do-Pai, sua função e teorização, juntamente com a topologia do grafo do desejo são as chaves-mestras para percorrer este seminário que constitui assim tanto o desenvolvimento de uma articulação conceitual rigorosa quanto uma demonstração das conseqüências na direção do tratamento da delimitação da importância fundamental do simbólico. É o que permite, ao mesmo tempo, desvencilhar a psicanálise dos impasses de uma prática calcada exclusivamente no imaginário e permitir uma aproximação do real.

Insisto. O falo como significante corresponde à introdução, através do esquema R, da topologia de uma articulação entre o imaginário e o simbólico que permitirá em seguida uma abordagem original do real. Neste sentido, temos aqui os alicerces da teoria do nó borromeu como desenvolvida bem mais tarde, em *RSI* por exemplo, pois vemos que a partir do significante somos introduzidos a uma articulação entre os três registros fundamentais de Lacan e não somente ao simbólico. Isto porque em suas dimensões fundamentais, do significado, do nome próprio e da letra, o significante é ao mesmo tempo a chave e o portal que nos abre ao real.



Editora : CONTRA CAPA; 1ª edição (1 janeiro 1999)

Idioma : Português

Capa comum : 248 páginas

ISBN-10 : 8586011274

ISBN-13 : 978-8586011276
